

VIDA ESPIRITUAL E A MORTE PSÍQUICA SPIRITUAL LIFE AND PSYCHIC DEATH

Patrícia Alves Medeiros e Carvalho¹, Sonia Regina Basili Amoroso².

1 Aluna do Curso de Psicologia

2 Professora Mestre do Curso de Psicologia

Resumo

Embora sejam encontrados na literatura muitos estudos associando religião e saúde mental, há poucos estudos que associem o adoecimento mental à religião. Por meio de uma pesquisa interpretativa, com a utilização da Autoetnografia e suporte pela Análise Categorical do Discurso, como ferramenta de análise, além de uma revisão bibliográfica, descreve-se como mecanismos de adoecimento psíquico são acionados por práticas religiosas fundamentalistas como (a) inadmissão de divergências; (b) a supressão constante do ego em nome da humildade requerida para religiosos; (c) a anteposição entre vida subjetiva e vida espiritual, com renúncia total à subjetividade humana; (d) o micro controle de todos os aspectos da vida (educação, profissão, amizades, relacionamentos amorosos, casamento, filhos, vestimenta e práticas de lazer); (e) a ameaça constante da perda de privilégios, perda da aprovação de Deus e perda da oportunidade de vida eterna; e (f) a rejeição e ostracismo aos divergentes. Tais mecanismos são utilizados em abundância pelas Testemunhas de Jeová, com os objetivos de manter um grupo impenetrável a ideias externas, afastado do mundo e suas ideias modernizantes, submissos a ensinamentos padronizados e dos quais não se pode discordar. O resultado é que os membros da religião perdem suas vidas psíquicas ao abdicarem de qualquer subjetividade, projetos e anseios pessoais, seja por medo da perda da vida eterna, seja por medo da expulsão e ostracismo social, que inclui até mesmo membros da própria família. O estudo mostra, por meio de suas categorias de mecanismos de sofrimento, que práticas religiosas fundamentalistas adoecem e provocam a morte psíquica.

Palavras-Chave: adoecimento mental; religião; autoetnografia; mecanismos de sofrimento psíquico.

Abstract

Although many studies associating religion and mental health are found in the literature, few studies associate mental illness with religion. Through interpretative research, using Autoethnography and support by Categorical Discourse Analysis as an analysis tool, in addition to a bibliographic review, it is described how mechanisms of mental illness are triggered by fundamentalist religious practices such as (a) inadmissibility of divergences; (b) the constant suppression of the ego in the name of the humility required of religious people; (c) the prioritization between subjective life and spiritual life, with total renunciation of human subjectivity; (d) micro-control of all aspects of life (education, profession, friendships, romantic relationships, marriage, children, clothing and leisure activities); (e) the constant threat of loss of privileges, loss of God's approval and loss of the opportunity for eternal life; and (f) rejection and ostracism of those who disagree. Such mechanisms are used in abundance by Jehovah's Witnesses, with the objective of maintaining a group impenetrable to external ideas, distant from the world and its modernizing ideas, submissive to standardized teachings from which one cannot disagree. The result is that members of the religion lose their psychic lives by renouncing any subjectivity, projects and personal desires, either for fear of losing eternal life or for fear of expulsion and social ostracism, which even includes members of one's own family. The study shows, through its categories of suffering mechanisms, those fundamentalist religious practices make people sick and cause psychic death.

Keywords: mental illness; religion; autoethnography; mechanisms of psychological suffering.

Introdução

Estudos empíricos indicam que práticas religiosas desempenham um papel significativo na manutenção da saúde mental e prevenção de doenças. Tais práticas influenciam as forças psicológicas que moldam o comportamento humano, abordando motivações conscientes e inconscientes. Meditação, oração, confissão, liturgias e bênçãos são alguns dos meios pelos quais a religião pode impactar positivamente o bem-estar psicológico, como apontado por Moreira, Neto e Koenig (2006). De fato, muitos pesquisadores e profissionais de saúde reconhecem a espiritualidade como um componente essencial no processo de cura dos indivíduos (Hovland; Niederriter; Thoman, 2018).

No entanto é necessário considerar que o impacto da religião na saúde mental nem sempre é positivo, pois cada religião possui suas próprias diretrizes e dogmas, que podem afetar os indivíduos de maneiras diversas e, por vezes, inesperadas. Assim, este artigo resulta de estudo que buscou compreender como práticas religiosas fundamentalistas podem influenciar negativamente o bem-estar psicológico dos indivíduos.

Estudos recentes, como os de Freitas e Piasson (2016), destacam a escassez de pesquisas sobre o binômio 'religiosidade-saúde mental e física no Brasil' e defendem a inclusão dessa temática nos currículos de graduação em Psicologia. Esse chamado para uma abordagem mais abrangente e crítica reflete a crescente conscientização sobre a importância de examinar tanto os aspectos positivos quanto os potencialmente prejudiciais da religiosidade para a saúde mental. Ao explorar essas polaridades, os acadêmicos e profissionais da saúde mental podem contribuir para uma compreensão mais holística da relação entre religião, saúde mental e processos de adoecimento.

Portanto, o artigo tem o objetivo de **demonstrar como mecanismos de adoecimento psíquico são acionados por práticas religiosas fundamentalistas**, considerando os objetivos específicos de: **(a)** descrever a Antropologia da Religião. **(b)** traçar um breve perfil das Testemunhas de Jeová e suas principais crenças; **(c)** diferenciar religião de espiritualidade; **(d)** caracterizar práticas religiosas fundamentalistas; e **(e)** descrever como a religião pode interferir negativamente na saúde mental de seus membros.

Materiais e Métodos

A pesquisa que deu origem a esse artigo foi realizada de maneira descritiva e interpretativa, adotando uma posição epistemológica subjetivista, salientando a construção social do processo de adoecimento psicológico, inclusive adotando a primeira pessoa do discurso no relato. Quanto à

abordagem a pesquisa foi qualitativa, ressaltando que a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão do fenômeno em estudo.

Quanto à natureza, a pesquisa é aplicada, isto é, voltada para a aplicação de conhecimentos já existentes para a aquisição de novos conhecimentos e resolução de problemas básicos.

Em relação aos objetivos, a pesquisa é descritiva, pois a finalidade da pesquisa descritiva é observar, registrar e analisar os fenômenos ou sistemas técnicos envolvidos nos contextos sociais.

Quanto aos procedimentos de pesquisa e análise foi utilizada a Autoetnografia, representando a experiência pessoal da autora no contexto das relações, categorias sociais e práticas culturais vinculadas à religião a que pertencia. Tem-se, assim, a pretensão de revelar o conhecimento de dentro do fenômeno, demonstrando aspectos da vida cultural que não podem ser acessados em pesquisas convencionais. Para análise das categorias sociais presentes na religião objeto do estudo, foi utilizada a Análise Categorical de Bardin (2009) como instrumento didático e organizador dos achados da pesquisa. Conforme Denzin e Lincoln (2000), pesquisas como essa não são feitas de forma impessoal, neutra e subjetiva, no que são corroborados por Atkinson (2006), que apresenta muitos trabalhos sociológicos e antropológicos que vão na mesma direção.

Finalmente, quanto aos instrumentos, foram utilizadas fontes secundárias e terciárias (revisão bibliográfica e documental) e uma análise da experiência da autora dentro do grupo religioso, em função do aprofundamento paulatino que se espera ter dos *insights* gerados pelas fases antecedentes para as fases subsequentes (Richardson, 2017).

Resultados

A sessão de resultados busca responder aos objetivos específicos, apresentando os referenciais teóricos sobre antropologia da religião, incluindo a análise das Testemunhas de Jeová, a relação entre religião e adoecimento mental na literatura, uma distinção entre religiosidade e espiritualidade e a identificação dos mecanismos de adoecimento na literatura.

Antropologia da Religião e as Testemunhas de Jeová

A antropologia da religião estuda as práticas, crenças e instituições religiosas em diferentes sociedades, buscando compreender o papel da religião na vida humana e como ela está relacionada a outros aspectos culturais e sociais. Ela surgiu no final do século XIX, acompanhando o desenvolvimento da antropologia como um todo (Asad, 2010; Pereira, 2016; Silva, 2008).

A origem da religião é uma questão complexa e multidimensional, abordada de diferentes maneiras por antropólogos, psicólogos, sociólogos e filósofos. Segundo Bortolini e Yamamoto (2013), no contexto da antropologia, as primeiras teorias sobre o surgimento da religião focavam as tentativas humanas de entender o mundo ao seu redor, lidar com incertezas e estabelecer uma conexão com o sobrenatural.

Tylor (2016), um dos primeiros antropólogos, argumentava que a religião se originava da tentativa humana de explicar fenômenos naturais inexplicáveis. Em sua obra *Primitive Culture*, Tylor (2016) propôs o conceito de animismo como a forma mais primitiva de religião, onde os povos acreditavam que os objetos, vivos ou inanimados, possuíam alma. Essa concepção teria surgido a partir das experiências humanas com a morte, os sonhos e os fenômenos naturais que, para os primeiros seres humanos, precisavam ser explicados. O animismo teria sido uma das primeiras formas de religião, servindo como base para o desenvolvimento de crenças mais complexas em deuses e seres sobrenaturais, afirma Tylor (2016).

Outro teórico importante foi James Frazer (2002), com seu trabalho *The Golden Bough* (1890), que propôs que as sociedades passaram por três estágios de desenvolvimento: magia, religião e ciência. Para Frazer (2002), a religião era uma etapa intermediária em que os seres humanos tentavam controlar ou explicar o mundo mediante entidades sobrenaturais. Ele argumenta que, nas primeiras sociedades, os seres humanos tentavam controlar o ambiente mediante rituais mágicos, acreditando que poderiam manipular forças invisíveis para garantir sucesso na caça, na colheita ou na saúde. Quando a magia falhou em oferecer soluções consistentes, as pessoas teriam recorrido à religião, apelando para deuses e espíritos para obter proteção e explicações para os eventos naturais.

Lévi-Strauss (2011) propôs que a religião e a mitologia são formas simbólicas de organizar o mundo. Os mitos religiosos surgiram como maneiras de contar histórias que explicavam a origem do universo, a criação do homem, e a relação entre o sagrado e o profano. Esses mitos são uma forma de organizar o pensamento humano e de dar estrutura às experiências vividas pelas comunidades. De maneira geral, as Testemunhas de Jeová estruturam suas crenças com bastante alinhamento a essa visão de Lévi-Strauss sobre a explicação da existência da religião.

Mas, a explicação que melhor se adapta à descrição antropológica das Testemunhas de Jeová é defendida por Carvalho et al. (2020) e Rocha e Sampaio (2016), que afirmam que a religião pode ter surgido como uma forma de controle social. De acordo com essa teoria, as

religiões oferecem um conjunto de regras morais e comportamentais que ajudam a regular as relações entre os membros de uma comunidade. A crença em seres sobrenaturais que poderiam punir ou recompensar os humanos era uma maneira de assegurar a conformidade com essas regras e promover a coesão social.

Se há duas características que resumem as Testemunhas de Jeová são o controle social e a pregação constante sobre os riscos de punição divina aos divergentes, incluindo a condenação à Geena, símbolo da morte sem volta, sem ressurreição e uma morte terrível no dia do Juízo Final para aqueles julgados de maneira adversa por Deus.

Conforme Luz, Luz e Anacleto (2015) a sociedade não pode ignorar o peso do fenômeno religioso em sua formação social e humana, pois as mais diferentes e remotas culturas desenvolveram uma maneira de lidar com aquilo que ultrapassa seus limites de compreensão e em relação a fatos comuns à vida na Terra, como, por exemplo, a morte. Da mesma forma, a Psicologia não pode ignorar os efeitos benéficos e, claro, os deletérios que os elementos religiosidade e espiritualidade provocam na psique humana.

As Testemunhas de Jeová surgiram do grupo de Estudantes da Bíblia criado no final dos anos 1870, por Charles Taze Russel, de herança presbiteriana, que, ao assistir, em 1869, a uma reunião da Igreja Cristã do Advento, percebeu ter sua fé vacilante ressuscitada pelas ideias do Pastor Jonas Wendell, que pregava um Segundo Adventismo, ou uma segunda vinda de Jesus à Terra (Torre de Vigia, 1993), conforme relato de Russel, *ipsis literis*:

Como que por acaso, certa noite visitei uma sala poeirenta e mal iluminada, onde eu ouvira dizer que se realizavam cultos religiosos, para ver se o punhado de pessoas que se reunia ali tinha algo mais sensato a oferecer do que as crenças das grandes religiões. Ali, pela primeira vez, ouvi algo sobre os conceitos dos adventistas (Igreja Cristã do Advento), sendo o Sr. Jonas Wendell o pregador... Assim, reconheço estar endividado com os adventistas e com outras denominações. Embora a exposição bíblica feita por ele não fosse inteiramente clara, ... foi o suficiente, sob a orientação de Deus, para restaurar minha abalada fé na inspiração divina da Bíblia e para mostrar que os escritos dos apóstolos e dos profetas estão indissolavelmente vinculados. O que ouvi me fez voltar à minha Bíblia para estudá-la com mais zelo e cuidado do que nunca antes, e serei sempre grato ao Senhor por esta orientação; pois, embora o adventismo não me tenha ajudado em nenhuma verdade específica, ajudou-me grandemente a desaprender erros, e assim me preparou para a Verdade (Russell – trecho da op. Cit.)

Segundo um modelo muito parecido com o defendido por Bortolini e Yamamoto (2013) para o surgimento das religiões, no decorrer de uns 37 anos, Russell escreveu seis volumes da série *Aurora do Milênio*, mais tarde chamada de *Estudos das Escrituras: Volume I, O Plano Divino das Eras* (1886); *Volume II, O Tempo Está Próximo* (1889);

Volume III, Venha Teu Reino (1891); Volume IV, O Dia da Vingança (1897, chamado mais tarde A Batalha do Armagedom), Volume V, A Expição Entre Deus e o Homem (1899); Volume VI, A Nova Criação (1904). Russell não viveu para publicar o sétimo volume intencionado desta série. Nesse tempo Russell também escreveu tratados, folhetos e artigos da Torre de Vigia, deitando as bases da religião que mudou seu nome de Estudantes da Bíblia para Testemunhas de Jeová em 1935 (Torre de Vigia, 1993).

Conforme a Publicação Testemunhas de Jeová – Proclamadores do Reino de Deus (Torre de Vigia, 1993) a Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados de Pensilvânia (*Watch Tower Bible and Tract Society of Pennsylvania*) é a mais antiga e conhecida das sociedades jurídicas usadas pelas Testemunhas de Jeová, apesar de não ser a única.

Na verdade, existem várias sociedades jurídicas, tanto nos Estados Unidos como em muitos outros países, que são usadas pelo grupo religioso com o objetivo de imprimir e distribuir Bíblias e publicações bíblicas ou serem as proprietárias legais dos terrenos e edifícios usados como sedes dessas Sociedades e como locais de reunião, sejam grandes auditórios conhecidos por Salões de Assembleias ou os usados pelas congregações locais, conhecidos por Salões do Reino (Torre de Vigia, 1993). Tais sociedades jurídicas são usadas ainda para coordenar ajuda humanitária, estabelecer contratos para a utilização de locais para Congressos, entre outras atividades para as quais são necessárias entidades legalmente estabelecidas em cada país.

No entanto, visto que durante muitos anos a diretoria da Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados de Pensilvânia era constituída pelos membros do Corpo Governante das Testemunhas de Jeová, os termos 'Sociedade' ou 'Sociedade Torre de Vigia' foram sendo popularmente usados entre as Testemunhas, e não só, como referência ao Corpo Governante.

Atualmente a religião está presente, por meio da pregação de casa em casa e uma extensa rede de 'salões do reino', em 239 países e territórios, contando com quase nove milhões de membros ativos e espalhados por 118 mil congregações ao redor do planeta, segundo dados informados por meio do site www.jw.org, o canal oficial de comunicação da Torre de Vigia. Os Estados Unidos da América contavam, em 2023, com mais de 1,2 milhão de membros. O Brasil com 907 mil, o México com 864 mil e a Nigéria, com 400 mil membros, completam a lista dos quatro países com a maior

quantidade de membros.¹

Cada Salão do Reino é ocupado por uma ou mais congregações, que são grupos organizados ao redor de um Corpo de Anciãos (pastores) e seus auxiliares, conhecidos como Servos Ministeriais (diáconos). Os Anciãos principais recebem a designação de Superintendente Presidente, Superintendente Secretário e Superintendente de Serviço. Os demais membros da congregação são chamados de Publicadores, que podem ser batizados ou não.

Os publicadores batizados têm direitos e deveres que os não batizados não possuem. Homens têm direitos e deveres que as mulheres e crianças não têm. Apenas os homens podem ensinar da tribuna (o púlpito dos Salões do Reino), e os discursos principais são proferidos apenas por Anciãos e, na falta deles, pelos Servos Ministeriais, sempre homens. As congregações são supervisionadas por Superintendentes de Circuito, que são cargos remunerados e dedicados à obra de supervisão de entre 23 e 25 congregações, o que permite até duas visitas por ano pelo Superintendente de Circuito a cada uma delas.

Ao longo de cinquenta anos como Testemunha de Jeová, a autora lista as principais crenças do grupo²:

- a. A atual ordem mundial está sob o controle de Satanás e será finalizada por uma intervenção direta de Jeová (Deus), que usará Jesus Cristo para estabelecer plenamente seu governo celestial sobre a terra, destruindo os seres humanos que Deus julgará serem maus e os governos controlados por Satanás, criando uma sociedade limpa de verdadeiros adoradores com expectativa de vida eterna na Terra.
- b. A pregação das boas novas de casa em casa deve ser a principal missão da vida de seus membros, que devem renunciar a quaisquer outros projetos que venham a conflitar com essa meta 'teocrática'.
- c. Jesus é o filho de Deus (Jeová) e o Espírito Santo é uma força espiritual utilizada por Deus para a criação de todas as coisas e para atuar em favor de seus seguidores fiéis. Não acreditam na Trindade, ou que Jesus tenha autoridade igual à de Jeová.
- d. São iconoclastas, pois acreditam que ícones são proibidos de maneira sumária pela Bíblia, com base em textos como Êxodo 20:1-5, cuja escrita é atribuída ao profeta

¹ JW.Org - **Relatório de países e territórios — 2023**. Testemunhas de Jeová
<https://www.jw.org/pt/biblioteca/livros/Relat%C3%B3rio-Mundial-das-Testemunhas-de-Jeov%C3%A1-do-Ano-de->

[Servio%C3%A7o-de-2023/Relat%C3%B3rio-de-pa%C3%ADses-e-territ%C3%B3rios-2023/](https://www.jw.org/pt/ensinos-biblicos/Servi%C3%A7o-de-2023/Relat%C3%B3rio-de-pa%C3%ADses-e-territ%C3%B3rios-2023/)

² Não obstante o compilado não ser citação e, antes, se tratar do aprendizado de cinco décadas da autora, todas estas informações podem ser encontradas em <https://www.jw.org/pt/ensinos-biblicos/>.

Moisés, o das Dez Pragas do Egito.

- e. Não têm relações íntimas, não namoram e não se casam com pessoas que não são Testemunhas de Jeová batizadas. Na prática a amizade com 'mundanos' é evitada e, caso um de seus membros insista, poderá ser repreendido, perder parte de seus direitos congregacionais e até mesmo ser expulso e isolado pela religião e família carnal.
- f. Não comemoram aniversário natalício, nem quaisquer das festas religiosas e cívicas dos países em que vivem. Ao passo que não comemoram o nascimento de Jesus, sua mais importante cerimônia anual é a celebração de sua morte.
- g. Não pegam em armas, não participam de guerras, partidos políticos e movimentos organizados da sociedade civil por entender que nenhum destes é mecanismo aprovado por Deus para a solução dos problemas da Terra.
- h. Não aceitam transfusão de sangue em hipótese alguma, sendo conhecidos por suas inúmeras batalhas na justiça ao redor do planeta para impedir que seus membros tenham tal tratamento à força.
- i. Não acreditam na imortalidade da alma, ensinando que a única esperança para os que morrem é a ressurreição, que pode ser para a vida na Terra ou nos céus, o lugar de anjos, Jesus e do próprio Deus. Pessoas justas e pessoas injustas serão ressuscitadas, pois o preço pago pelo pecado é a morte.
- j. Acreditam que há um grupo de 144 mil cristãos que são especialmente escolhidos por Deus para viver no céu e ajudar Jesus em um governo milenar (são milenaristas, portanto,) que se encarregará de reconduzir a humanidade à perfeição perdida por Adão e Eva. Do meio deste grupo surge o Corpo Governante, grupo de onze³ homens que são considerados como o 'Escravo Fiel e Discreto', ou aquele que é o único autorizado a falar em nome de Deus e que transmitem conhecimentos legítimos sobre a Palavra de Deus.
- k. Acreditam que Jesus começou a governar nos céus desde 1914 e que uma série de eventos naturais e sociais, como as guerras mundiais, são uma comprovação de que a humanidade vive no tempo do fim do sistema atual, que será destruído diretamente por Deus e substituído por um novo sistema governado por Jesus, com o apoio de

'ungidos' diretamente do céu.

- l. Desincentivam todos os membros de fazer faculdade, por considerar que cursos superiores, além de uma certa expressão de falta de confiança na capacidade de Deus de prover o sustento, contaminam o membro pelo ambiente pernicioso e os ensinamentos impuros nos ambientes de ensino superior.
- m. Não aceitam o alistamento militar, ou mesmo serviços substitutivos de apoio ao militarismo, contando com jovens presos em vários países, com destaque para a Rússia e Coreia do Sul, em função desta recusa.
- n. Não acreditam na santidade e virgindade eterna de Maria, considerando-a, todavia, uma dentre os ungidos que está no céu. Ensinam que Maria e José tiveram vários outros filhos, após o nascimento de Jesus.
- o. Acreditam na existência do céu como um lugar paradisíaco em que vivem os anjos, Jesus e Deus, mas não acreditam no Inferno. Para eles, Satanás é uma pessoa espiritual, assim como os demais anjos e foi expulso do céu em 1914, depois de uma guerra com o próprio Jesus e agora vive na Terra, acompanhado de outros anjos rebeldes, os demônios.

Pela essência de seus principais ensinamentos, pela resistência a qualquer interpretação diversa, pelo isolamento social e pela cultura hermética, as Testemunhas de Jeová podem ser consideradas uma religião fundamentalista, conforme definição de Boff (2002, p. 25) para quem o fundamentalismo pode ser definido da seguinte maneira:

Não é uma doutrina. Mas uma forma de interpretar e viver a doutrina. É assumir a letra das doutrinas e normas sem cuidar de seu espírito e de sua inserção no processo sempre cambiante da história, que obriga a contínuas interpretações e atualizações, exatamente para manter sua verdade essencial. Fundamentalismo representa a atitude daquele que confere caráter absoluto ao seu ponto de vista.

Para Panasiewicz (2015) fundamentalista é aquele que está muito mais interessado em guardar a letra da doutrina do que em fazer vivificar o seu espírito. A interpretação atualizada é um risco para uma mente fundamentalista, pois pode vir a perder sua verdade original, primitiva. Assim, a sua maneira de ler a letra da doutrina é que deve ser preservada. Nesta perspectiva, se sua forma de apreender a verdade é absoluta, significa que ninguém mais poderá chegar à verdade, a não ser por meio da sua forma de apreendê-la.

Para Holden (2002) as principais práticas das Testemunhas de Jeová são fundamentalistas, seja

³ Os atuais membros do Corpo Governante são (1) David Splane, (2) Gage Fleege, (3) Geoffrey Jackson, (4) Gerrit Lösch, (5) Jacob Rumph, (6) Jeffrey Winder, (7) Jody Jedele, (8) Kenneth Cook Jr., (9) Mark

Sanderson, (10) Samuel Herd e (11) Stephen Lett. Os membros do Corpo Governante servem na sede mundial em Warwick, Nova York, Estados Unidos.

pela impossibilidade de divergência, seja pela autoria única e exclusiva como proveniente de Deus, por meio de seu Corpo Governante, não se aceitando quaisquer interpretações por parte dos demais membros, sob o risco de surgir a acusação de apostasia, que pode levar à expulsão e ao ostracismo.

Religião e Adoecimento Mental

O fenômeno religiosidade e adoecimento, embora com pouquíssimos estudos (Monteiro; Reichow; Fernandes, 2020), tem sido mais estudado sob a ótica dos benefícios que a religião traz para a saúde mental (Moreira, 2006; Guimarães, 2007; Saad, 2001; Shane, 2016; Cervelim; Cruze, 2014; Hovland; Niederriter; Thoman, 2018).

Recorrendo à metanálise de Monteiro, Reichow e Fernandes (2020) realizada com artigos que estudaram o binômio e que foram publicados entre 2008 e 2019, aparecem nos anos de 2008, 2009 e 2015 dois artigos em cada ano. Já nos anos de 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2016 e 2019, aparecem um artigo em cada ano, somando um total de treze artigos. Em 2017 e 2018, não apareceu nenhum estudo. Em relação aos periódicos, foram encontradas três publicações na revista *Psicologia em Estudo*, três no periódico *Psicologia: Ciência e Profissão*, dois na revista *Estudos de Psicologia (Natal)* e dois no periódico *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, um em *Estudos de Psicologia (Campinas)*, um na revista *Fractal: Revista de Psicologia* e um na *Psicologia USP*. Todos sob a ótica dos benefícios da religiosidade/espiritualidade para o tratamento e recuperação dos doentes (Monteiro; Reichow; Fernandes, 2020).

A temática da espiritualidade, segundo Lucchetti *et al.* (2010), tem sido incluída na maioria das universidades norte-americanas, como Duke, Universidade da Flórida, Universidade de Indiana e Universidade de Massachusetts. Nesta última instituição, foi instituída uma disciplina obrigatória de Medicina e Espiritualidade para os residentes do programa de Medicina Interna.

Ventegodt e Merrick (2003) publicaram artigo em que são identificados e descritos os principais mecanismos de adoecimento psíquico, entendidos como gatilhos causados pelos quadros de patologia psíquica, sob a ótica do conceito de morte do ego. Os autores descrevem fatores como pressão psicológica, ansiedade, exclusão, rejeição, banimento, medo do pecado, medo da opinião de outros indivíduos, alienação sistêmica, depressão, estresse, dificuldades de adaptação, angústia, medo, insegurança e outros foram considerados na análise. A morte do ego é definida como uma perda completa da noção subjetiva de identidade, isto é, do ego, também chamada na Psicologia Analítica, Morte Psíquica (Ventegodt; Merrick, 2003).

Assim, associar a busca absoluta e irreduzível por uma 'Vida Espiritual', sacrificando até mesmo a própria identidade, ou seja, chegando à Morte Psíquica, é trazer luz não apenas para como o Fundamentalismo Religioso anula os sujeitos em nome de uma suposta coletividade superior, mas mata as perspectivas narcísicas, trazendo à tona o narcisismo negativo que conclui o processo de morte psíquica, e que precisa ser, portanto, substituído por um amor superior, neste caso, a esperança de uma vida espiritual recompensadora, superior em todos os sentidos.

Religiosidade e Espiritualidade

Uma rápida discussão sobre as diferenças entre religiosidade e espiritualidade é indispensável, já que o fenômeno aqui analisado é o da religiosidade e não o da espiritualidade.

Há algum tempo, observa-se na literatura psicológica uma ênfase crescente no tema espiritualidade (Crossley; Salter, 2005). Um estudo recente mostrou que os principais domínios discutidos em psicoterapia de indivíduos americanos incluíram o trabalho, a família, os amigos e a sexualidade.

A religião e a espiritualidade foram consideradas temas de igual importância e os clientes observaram os terapeutas abertos para discussão desses domínios (Miovic *et al.*, 2006). Ainda para os mesmos autores, contudo, nem todas as abordagens encontraram um ajuste do tema em suas intervenções terapêuticas. O método qualitativo da pesquisa deles, com entrevistas semiestruturadas, foi utilizado para investigar como psicólogos clínicos compreendem e abordam a espiritualidade durante a psicoterapia. Os psicólogos estudados consideraram a espiritualidade um tema potencialmente provedor de equilíbrio e harmonia dos clientes. Contudo, a diversidade de conceitos acerca da espiritualidade foi observada como um aspecto crucial da dificuldade para abordar o tema na psicoterapia. O estudo pontuou a importância de tornar os conceitos de religião e espiritualidade mais coerentes e acessíveis, facilitando o diálogo profissional no contexto terapêutico (Miovic *et al.*, 2006; Crossley; Salter, 2005).

Portanto, adota-se neste artigo as definições de Koenig (2001), que conceitua religião como um **sistema organizado de crenças, práticas, rituais e símbolos projetados para auxiliar a proximidade do indivíduo com o sagrado e/ou transcendente**, e espiritualidade como uma busca pessoal de respostas sobre o significado da vida e o relacionamento com o sagrado e/ou transcendente.

Assim, o *locus* da pesquisa foram as práticas religiosas, oriundas deste sistema organizado de crenças, rituais e símbolos projetados, que, até mesmo em função da reivindicação de sua origem,

não admitem contestação e, claro, limitam a espiritualidade a um caminho, condenando todos os demais, vistos como errar o alvo na procura de Deus.

A espiritualidade, portanto, não está necessariamente ligada a uma religião específica, mas, sim, ao modo como o sujeito procura viver. Embora essa dimensão espiritual tenha sido considerada por muito tempo como algo patológico, no contexto atual, a espiritualidade se coloca como inerente à natureza humana, fazendo parte da vida da maioria das pessoas (Mendonça et. al., 2023).

Não houve, neste trabalho, pretensão de abordar como a espiritualidade afeta as mentes humanas e tão somente como o pertencimento a um grupo religioso interfere na saúde mental de seus seguidores.

Os Mecanismos de Adoecimento na Literatura

A inadmissão absoluta de opiniões contrárias e a supressão constante do ego — visto como a identidade subjetiva, que diferencia cada ser humano — (Freud, 1968) cria, aos poucos, uma visão monolítica, exterior aos sujeitos, objetificada na interpretação que o Corpo Governante das Testemunhas de Jeová dá para a Bíblia (Franz, 2008), fazendo com os membros da religião migrem suas experiências de vida interior (experiências que moldam o ego) para um conjunto de crenças inamovíveis que, aos poucos, anula as vontades, a dissensão e o desejo individual (Feuerbach, 2007; Lukács, 2012).

Ao mesmo tempo, cria-se uma carapaça travestida de bem-comum (ou superior) que traz conforto àqueles que decidem realizar todo tipo de sacrifício pessoal em nome da causa, evitando que, ao sabor das frustrações de alvos não atingidos surja o desânimo e a descrença que pode ressuscitar o ego, levando à morte espiritual, tão temida entre as Testemunhas de Jeová (Franz, 2008).

Assim, por meio destas verdades absolutas, a vida subjetiva, guiada pela vontade individual torna-se inimiga da vida espiritual e, passam a ser vistos como aprovados por Deus, somente aqueles espiritualmente maduros, termos que, na verdade, designam aqueles que já morreram psiquicamente, posta a impossibilidade de convivência da subjetividade e da total submissão aos preceitos religiosos (Lukács, 2012).

O objeto idealizado da paixão dos fundamentalistas, como as Testemunhas de Jeová é, portanto, a vida espiritual, que cria um substituto completo para tudo que a morte psíquica tira das pessoas, alienando-as completamente de toda divergência, inclusive as internas, oriundas da dúvida, frustração e medos (Feuerbach, 2007).

A vida de renúncias de toda subjetividade

humana a que são incentivadas as Testemunhas de Jeová, leva à troca do Eu Ideal pelo Ideal do Eu, conferindo a impressão de que não há abandono do sujeito (do ego) e sim a evolução da subjetividade de uma abordagem supostamente individualista, egoísta, para uma subjetividade coletiva, evoluída, superior, focada no grupo e personificada no Corpo Governante (Feuerbach, 2007; Franz, 2008).

A rejeição e o ostracismo têm impactos graves no bem-estar psicológico e social dos indivíduos que deixam o grupo. Os membros das Testemunhas de Jeová estão sujeitos à rejeição quando não cumprem a doutrina ou o sistema de crenças declarado. A exclusão absoluta (mal essencial travestido de processo reeducativo) tem um efeito prejudicial a longo prazo sobre a saúde mental, as possibilidades de emprego e a satisfação com a vida. Sentimentos de solidão, perda de controle e inutilidade também são comuns após a saída. A cultura de informar outros membros das Testemunhas de Jeová também leva a um sentimento contínuo de desconfiança e suspeita muito depois de um determinado indivíduo ter saído do grupo religioso (Franz, 2008).

Na estrutura de crenças das Testemunhas de Jeová, o pensamento não é diferenciado das ações (Franz, 2008). Pensamentos pecaminosos são vistos como pecado, e a manutenção de dúvidas está alinhada com o ódio a Deus. Assim, o controle sobre o pensamento e a informação se traduz em controle sobre a ação, matando a subjetividade (morte psíquica). A disposição de eliminar uma pessoa que pecou é resultado do controle que as Testemunhas de Jeová estão condicionadas a renunciar. “Como posso ser amigo de alguém se ele é inimigo do meu melhor amigo?”, é um pensamento difundido e incentivado como forma de cauterizar toda dor originada da separação abrupta de amigos, parentes e outros entes queridos (Franz, 2008).

O ostracismo é uma forma de forte dor psicológica que tem sido extensivamente estudada. Williams (2009) determinou que o ostracismo, ou rejeição, ameaça quatro necessidades sociais básicas: pertencimento, autoestima, controle e existência significativa. A rejeição remove uma pessoa de seu grupo identificado, ameaçando o pertencimento, e cria sentimentos de inadequação e dúvida, ameaçando a autoestima. A rejeição mantém o grupo no controle e a autoeficácia é removida do indivíduo condenado ao ostracismo. Se a identidade do indivíduo estiver interligada com o pertencimento ao grupo, a rejeição pode perturbar o seu sentido de empoderamento e significado na sua vida (Williams, 2009), completando o processo de morte psíquica.

Ao longo da pesquisa bibliográfica que serviu como método para identificação dos mecanismos de adoecimento mental introduzidos por práticas

religiosas fundamentalistas, foram detectados diversos estudos focando casos em que a religião tem influência positiva sobre a saúde de seus membros (Hovland; Niederriter; Thoman; 2018; Ferreira et al., 2018; Venkatasalu et al., 2018; Kazmer; Glueckauf; Schettini; Ma; Silva, 2018; Aghabarary; Nayeri, 2017; Hemming; Teague; Crowe; Levine, 2016; Cordero; Castillo; Escãno, 2019; Rabelais; Jones; Ulrich; Deatrck, 2019; Fradelos et al., 2015; Shane, 2016; Araújo et al., 2021; Moreira-Almeida; Koenig; Luchetti, 2014).

Por outro lado, menos estudados, são os fenômenos em que a religião adocece as pessoas, alertando para que não se trata aqui de fanatismo ou alienação e outros fenômenos sociais, e sim de verdadeiro adoecimento psicológico.

Rocha (2014) ao refletir, na perspectiva da metapsicologia freudiana, sobre alguns processos e componentes psíquicos de natureza perversa, que estão na base dos ideais de fundamentalistas religiosos, introduz os conceitos de narcisismo de morte (ou negativo) e sua articulação com a pulsão de morte.

Luther (2023), ao analisar o tratamento dado a indivíduos que deixam a religião das Testemunhas de Jeová, constatou que a rejeição e o ostracismo têm impactos graves no bem-estar psicológico e social dos indivíduos. Os resultados da pesquisa sugerem que a exclusão tem um efeito prejudicial a longo prazo sobre a saúde mental. Sentimentos de solidão, perda de controle e inutilidade também são comuns após a saída.

Mendes (2017) por sua vez analisou a sociabilidade no Fórum Virtual Ex-Testemunhas de Jeová⁴, uma comunidade afetiva criada em 2008 para combater a discriminação contra ex-membros da religião. Trata-se de um espaço de trocas de experiências, organização política e apoio emocional. O foco da pesquisa de Mendes (2017) foi compreender a relação entre desassociação, trauma coletivo e estigma. A desassociação é um processo de produção social da indiferença moral

que opera por meio de demonstrações de desprezo, escárnio, tabu do contato, asco e humilhações públicas. Com a expulsão da religião, os agora desassociados passam a ter o caráter, a dignidade e a própria humanidade contestados, conforme pude perceber aos longo de meus cinquenta anos pertencendo ao grupo.

Kathiam (2023), por sua vez, mostra que certas práticas das Testemunhas de Jeová contribuem para efeitos deletérios à saúde mental de seus membros. Afirma também que, embora conte ainda com uma quantidade muito limitada de pesquisas sobre o tema, as poucas encontradas demonstram que tais práticas fundamentalistas impõem diversos e rigorosos desafios à saúde mental de seus integrantes.

O Quadro 1 apresenta alguns dos estudos sobre a vertente das doenças vinculadas às práticas religiosas fundamentalistas, mostrando, por um lado, um certo grau de superficialismo, além de uma abordagem muito mais voltada à sociologia do que à psicologia, que é a ciência talhada para uma compreensão mais completa do fenômeno do sofrimento, mormente à luz de como a Teoria Cognitivo Comportamental (TCC) aborda a construção do sofrimento e adoecimento psíquico (Beck, 1963; Mahoney; Lyddon, 1988; Beck, 2013).

Nos termos de Beck (1963) a TCC é uma abordagem de estruturação cognitiva de emoções e comportamentos, estabelecida a partir da colaboração entre terapeuta e paciente, e baseada em eventos significativos para o paciente, o que a torna especialmente talhada para figurar como referencial para esta pesquisa. A TCC é muito adequada para o estudo em tela, pois, a religião precisa ser enxergada também sob a ótica do mecanismo de controle social, considerando, os Sistemas Comportamental, Cognitivo / Afetivo e Fisiológico e como eles influenciam a maneira em que os indivíduos reagem aos fatores do meio religioso fundamentalista e a construção de psicopatologias em geral e a morte psíquica em particular.

Quadro 1 – Pesquisas sobre a relação entre adoecimento psíquico e práticas religiosas

Título do Artigo	Autor(es)	Objetivo Geral	Perfil da Pesquisa
<i>Leaving for This World: Psychological Implications of Disaffiliating From the Jehovah's Witnesses for Those Raised in the Religion.</i>	Nick Khatiam (2023)	Demonstra como o processo de desassociação praticado pelas Testemunhas de Jeová contribui para o adoecimento psíquico de seus integrantes, incluindo não apenas os que saem, mas também os que ficam e precisam conviver com as consequências das decisões relacionadas.	Entrevistas em profundidade com quatro ex-integrantes das Testemunhas de Jeová sob uma abordagem interpretativa.
Inimigos da Torre: um estudo sobre Testemunhas de Jeová, desvio, moralidade e dissidência	Estevam Dedalus Pereira de Aguiar Mendes	O foco da pesquisa (tese de doutoramento) foi compreender a relação entre desassociação, trauma coletivo e estigma. Com a expulsão da religião, os agora desassociados passam a ter o caráter, a dignidade e a própria humanidade contestados.	O trabalho analisa a sociabilidade no Fórum Virtual Ex-Testemunhas de Jeová. Uma comunidade afetiva criada em 2008 para combater a discriminação contra ex-membros da religião.
Quebrando as regras: um	Estevam	A dissertação analisa o processo de desvio,	Entrevistas em profundidade

⁴ <https://www.extestemunhasdejeova.net/forum/app.php/portal>

Título do Artigo	Autor(es)	Objetivo Geral	Perfil da Pesquisa
estudo sobre Testemunhas de Jeová desassociadas	Dedalus Pereira de Aguiar Mendes (2012)	estigma e exclusão social entre Testemunhas de Jeová, apontando sentimentos de vergonha e culpa, além da criação de uma autoimagem estigmatizada.	com indivíduos desassociados das Testemunhas de Jeová.
Religiosidade e saúde mental: visão de equipe multiprofissional de centro de atenção psicossocial.	Vieira; Barros; Firmino (2020)	O presente estudo tem o objetivo de conhecer o lugar da religião e da religiosidade para os usuários do CAPS, na visão de trabalhadores desse dispositivo de cuidado. A partir da análise de conteúdo, emergiram três categorias: (1) Presença de conteúdos de religiosidade nas falas dos usuários; (2) Religião como promotora de esperança, de saúde e de cura; (3) Influências da religião/religiosidade no processo de saúde/adoecimento mental dos usuários.	Trata-se de um estudo descritivo-exploratório, com abordagem qualitativa, realizado em um município do Estado da Paraíba, especificamente em um CAPS tipo III. Foi realizada uma entrevista semiestruturada individualmente com seis trabalhadores: um psicólogo, um assistente social, um enfermeiro, um técnico de enfermagem, um educador físico e um oficineiro.
A perversão dos ideais no fundamentalismo religioso	Rocha (2014)	O objetivo do artigo é refletir, na perspectiva da metapsicologia freudiana, sobre alguns processos e componentes psíquicos de natureza perversa, que estão na base dos ideais dos fundamentalistas religiosos.	Revisão e análise. Sem estudos de campo.
Alienação Religiosa em Feuerbach e Lukács	Silva (2019)	O artigo desenvolve um viés crítico de leitura para o debate acerca da religião como forma de alienação.	Ensaio teórico, sem estudos de campo.
<i>What Happens to Those Who Exit Jehovah's Witnesses: An Investigation of the Impact of Shunning</i>	Luther (2023)	Os resultados sugerem que a exclusão tem um efeito prejudicial a longo prazo sobre a saúde mental, as possibilidades de emprego e a satisfação com a vida. Sentimentos de solidão, perda de controle e inutilidade também são comuns após a saída. A cultura de informar outros membros das Testemunhas de Jeová também leva a um sentimento contínuo de desconfiança e suspeita muito depois de sair.	Foram realizadas entrevistas com dez ex-TJs, com idades entre 20 e 44 anos; seis homens, seis brancos, um nativo americano, um negro e dois latinos. As transcrições foram analisadas com análise fenomenológica interpretativa para temas narrativos relativos à sua vida após a exclusão de sua antiga fé.
<i>Spiritual Maturity as a Moderator of the Relationship between Christian Fundamentalism and Shame.</i>	Keller, 2015.	O presente estudo examinou a maturidade espiritual como moderadora da relação entre fundamentalismo cristão e vergonha.	Cento e sessenta e quatro participantes identificados como cristãos (141 mulheres) foram recrutados por meio de sites de redes sociais. Regressões hierárquicas foram utilizadas para examinar os efeitos de moderação da maturidade espiritual sobre a vergonha para os cristãos que obtiveram pontuações altas e baixas no espectro fundamentalista.
<i>Religion, Spirituality, and Schizophrenia: A Review</i>	Grover; Davuluri, Chakrabarti, 2014.	O artigo revisa os dados existentes no que diz respeito à relação entre religião, espiritualidade e vários domínios em pacientes com esquizofrenia. O estudo evidencia que a religiosidade pode impactar doenças mentais de forma positiva, mas, também negativas.	Trata-se de ensaio, sem pesquisa de campo.
<i>Schizotypy, delusional ideation and well-being in an American new religious movement population.</i>	Smith, Riley; Peters (2009)	Este estudo amplia dois estudos anteriores do Reino Unido que analisaram a esquizotipia ⁵ em novos movimentos religiosos usando um subgrupo religioso	Uma amostra de devotos Hare Krishna americanos foi comparada com um grupo de controle não religioso em

⁵ O transtorno de personalidade esquizotípica é caracterizado por um padrão generalizado de desconforto intenso com relacionamentos íntimos e com capacidade reduzida para tal, por cognição e percepções distorcidas e por comportamento excêntrico. (MORGAN TA, ZIMMERMAN M: Epidemiology of personality disorders. In **Handbook of Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment**. 2ª Edição. New York, NY: The Guilford Press, 2018, pp. 173-196.

Título do Artigo	Autor(es)	Objetivo Geral	Perfil da Pesquisa
		semelhante de uma cultura diferente.	medidas de ideação delirante, esquizotipia e bem-estar geral.
<i>Religiosity and prevalence of suicide, psychiatric disorders and psychotic symptoms in the French general population</i>	Brito e al (2021)	O objetivo da pesquisa foi examinar a associação entre crenças religiosas e observância e a prevalência de transtornos psiquiátricos, sintomas psicóticos e histórico de tentativas de suicídio na população francesa em geral	A pesquisa transversal entrevistou 38.694 sujeitos entre 1999 e 2003, utilizando o MINI.

Fonte: Pesquisas da própria autora com base na Internet, 2024.

A próxima seção traz o relato autoetnográfico, considerando o Modelo Triádico da Autoetnografia de Chang (2008) como base para sua construção.

Discussão

Ao escolher a Autoetnografia como método de análise, escolhi representar minha experiência pessoal no contexto das relações, categorias sociais e práticas culturais vinculadas à religião a que eu pertencia, com a pretensão de revelar o conhecimento de dentro do fenômeno, demonstrando, assim, aspectos da vida cultural que não podem ser acessados em pesquisas convencionais.

Conforme escrito por Hayes, Barnes-Holmes e Roche (2001), as palavras estabelecem uma autonomia e criam um mundo simbólico à parte, descolado, e que compete com as contingências. Nesse exercício de interpretação, pode-se intuir a ocorrência de processos de generalização e de equivalência, junto com o desenvolvimento de respostas relacionais arbitrarias, na formação das redes comportamentais de sofrimento. Assim, embora subjetiva, a análise será útil para compreensão gerais.

Neste contexto de análise, minhas memórias propiciam uma história que desejo contar, registrar, tornar pública, e, talvez, seja permeada de emoções reflexivas, dores e até mesmo críticas interpretativas.

Nasci aos vinte dias de setembro de 1971, a primogênita de uma família hoje formada por sete pessoas (pai, mãe, três filhos e duas filhas), no centro-oeste mineiro, em uma pequena cidade com pouco mais de treze mil habitantes, chamada Dores do Indaiá.

Não tenho memórias dessa época, mas algumas fotos registraram meu primeiro e único aniversário natalício, quando completei um ano. Aquele momento esquecido nas brumas do tempo não renunciava o que me esperava por quase cinquenta anos à frente. Logo depois, antes que eu completasse dois anos, meus pais se tornaram Testemunhas de Jeová, e a mesma doutrina foi imposta a mim.

Durante quase cinquenta anos de minha vida, nunca havia celebrado Natal, Páscoa, Dia das Crianças, Dia dos Pais, Dia das Mães ou

qualquer outra festividade, pois, segundo as Testemunhas de Jeová, tais práticas são consideradas festas mundanas, sem base bíblica e, portanto, proibidas.

Cresci sem poder brincar com meus colegas de escola ou vizinhos, pois eles não eram considerados boas associações e faziam parte de Babilônia a Grande, nome que as Testemunhas de Jeová costumavam se referir a qualquer outra denominação religiosa.

Na escola, eu não podia cantar o hino nacional (prática comum na minha juventude), sentindo-me constrangida pelos olhares, ora curiosos, ora reprovadores de professores e colegas; Não podia sequer dar parabéns aos professores no dia deles, sendo a única das minhas turmas que não fazia isso. Enfim, tinha que ser separada do mundo, o que provocava em mim uma sensação de deslocamento, solidão, mesmo em meio a dezenas de colegas de escola.

As festas de aniversário em sala de aula eram uma tortura psicológica, pois a luta interna entre a vergonha do isolamento e a necessidade de permanecer fiel às crenças das Testemunhas de Jeová provocaram inúmeros constrangimentos por longos anos, entre saídas à socapa da sala de aula, baixar a cabeça nos fundos do ambiente, ou simplesmente fingir alheamento. Muitas vezes sequer às aulas eu ia, sabendo de antemão da celebração em determinada data.

Minha rotina consistia em ir à escola, ajudar com as tarefas de casa e participar da pregação de porta em porta, que é o mecanismo de evangelização central das Testemunhas de Jeová. O lema era claro: faça chuva ou faça sol, as boas novas devem ser declaradas. Durante alguns anos eu atuei como Pioneira Regular, uma espécie de evangelizadora graduada, com a missão de cumprir uma jornada de, no mínimo, noventa horas de pregação mensais. Entre uma dura rotina de trabalhos domésticos, a escola e essa atividade ministerial, não sobrava tempo para socialização de toda forma.

Três vezes por semana, íamos ao Salão do Reino, onde até a escolha da roupa precisava ser aprovada para evitar dar 'mal testemunho'. 'Muito curto', 'muito decotado', 'muito largo', 'muito apertado', as cores, o tecido, se as roupas eram de grife ou não, todas estas questões eram avaliadas

por uma régua descolada da moda (seguir a moda sempre foi mal visto), do senso comum e daquilo aceito pela sociedade contemporânea.

Os fins de semana, longe de serem destinados ao lazer comum, eram reservados para a pregação em cidades vizinhas; essa era nossa forma de recreação e, participar em atividades recreativas como frequentar clubes, ir a bares ou festas não era bem visto, sendo, em alguns casos, objeto de reprimendas dos anciãos, seja de forma velada em discursos específicos, seja em longas sessões de 'aconselhamento' particulares.

A rejeição explícita e, por vezes, agressiva dos moradores que 'visitávamos' de surpresa era outra constante fonte de dor, medo, ansiedade e vergonha, mas que jamais poderia ser externalizada sob pena de ser classificada como falta de fé.

Lembro-me uma vez em que um de meus companheiros de pregação de casa em casa, ao bater à porta de uma senhora muito católica, foi recebido de arma de fogo em punho pela moradora que nos ameaçou de morte se continuássemos a bater à porta dela. Outra vez, uma senhora evangélica, aos nos detectar a sua porta, saiu para o meio da rua e iniciou uma peroração em alta voz, com ofensas do tipo: 'agentes de Satanás', anticristos, 'condenados ao inferno'. Décadas e décadas depois as palavras daquela senhora ainda provocam ecos de dor, vergonha e medo na minha mente.

Neste ponto é importante explicar o racional das Testemunhas de Jeová para esta opção de condução da vida. No livro Bíblico de Mateus capítulo 22, versos 36 a 40 há o registro de uma conversa entre Jesus e seus discípulos, transcrita na íntegra a seguir:

Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?
"Respondeu Jesus: " 'Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento'. Este é o primeiro e maior mandamento; o segundo é semelhante a ele: 'Ame o seu próximo como a si mesmo'. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas. (g.n.)

Com base nessa 'primeira e maior das Leis', as Testemunhas de Jeová constroem um racional de que "amar de todo o coração, de toda a sua alma" implica a negação de si mesmo, o que torna incompatível qualquer desejo pessoal, como se fosse impossível conciliar, desejos pessoais com a lealdade a Deus, pois, se, em determinados momentos de sua vida, como quando decidimos fazer faculdade, você precisa dedicar-se a algo que não seja o 'serviço a Deus', estará sendo desleal.

O trecho a seguir, retirado de uma das principais publicações das Testemunhas de Jeová, A Sentinela, de 15/06/2014, pp. 12-16, ilustra bem isso:

Nas Escrituras Hebraicas, o verbo para "amar", 'ahév (ou 'aháv), e o substantivo 'ahaváh (amor) são as principais palavras usadas para se referir ao amor e incluem as ideias transmitidas pelas palavras gregas agapáo e agápe. Quando são usadas com relação a amar a Jeová, elas se referem ao desejo de ser completamente dedicado e de servir apenas a ele. Jesus foi o exemplo perfeito de alguém que teve esse tipo de amor. Ele mostrou que amar a Jeová envolve mais do que um simples sentimento. O amor a Deus precisa governar a vida da pessoa como um todo, influenciando todos os seus pensamentos, suas palavras e suas ações. (g.n.)

Nesta esteira a Sentinela de 01/02/1994, pp. 25-28 traz um trecho que ajuda a entender como a construção deste racional leva as pessoas à completa negação de si mesmas:

ROLF era um funcionário apreciado. Quando decidiu arranjar um serviço de tempo parcial, para expandir sua participação no ministério cristão, seu patrão cooperou prontamente. Assim, Rolf conseguiu ser pioneiro durante anos. Certo dia, porém, a situação mudou no emprego. Rolf se mostrara tão competente no trabalho que recebeu a proposta de se tornar o gerente de marketing da firma. O cargo oferecia um salário tentador e boas perspectivas de mais progresso. No entanto, já não seria possível trabalhar em regime de tempo parcial.

Rolf tinha esposa e dois filhos para sustentar, de modo que o dinheiro extra teria sido útil. Todavia, ele não aceitou a proposta e procurou outro emprego, um que lhe permitisse cumprir suas obrigações tanto espirituais como financeiras. O patrão de Rolf ficou surpreso com essa decisão. Dando-se conta de que até mesmo a oferta de um melhor salário seria em vão, seu chefe concluiu: "Vejo que não posso competir com a sua convicção."

Sim, Rolf tinha convicção. Mas tinha também outra qualidade — espírito de abnegação. Tal espírito é raro neste mundo voltado para satisfazer os próprios desejos. Mas pode conduzir a um modo de vida benéfico e satisfatório. O que é o espírito de abnegação? O que acarreta? E o que temos de fazer para conservá-lo?

(...)

Assim, o espírito abnegado implica muito mais do que simplesmente assumir os compromissos duma programação de reuniões e atividades no ministério cristão. Denota a determinação de fazer a vontade de Deus a qualquer custo. Denota estar disposto a sofrer dificuldades e inconveniências. "Se alguém quer vir após mim", disse Jesus, "negue-se a si mesmo e apanhe a sua estaca de tortura, e siga-me continuamente". (Mateus 16:24) O cristão não faz da ambição pessoal ou de alvos materialistas a sua principal preocupação. Sua vida centraliza-se em buscar primeiro o Reino e a justiça de Deus. (Mateus 6:33) Se necessário, está preparado para 'apanhar sua estaca de tortura', sofrer perseguição, vergonha ou até mesmo a morte! (g.n.)

A consequência prática disso na vida dos integrantes da religião é a obediência cega ao líder ou líderes. Tudo o que eles ensinam ou mandam fazer é lei. É inquestionável! Esta obediência cega é promovida mediante uma doutrinação intensiva e semanal, com uma rotina que deixa pouca margem para o indivíduo e sua singularidade. As Testemunhas de Jeová são doutrinadas de tal modo que pouco uso dão à sua consciência individual.

As regras e leis dentro do grupo são inúmeras e vivíamos uma vida robotizada e programada dentro do grupo: para além das horas que tínhamos que dedicar à pregação, tínhamos que preparar reuniões, fazer estudo em família e com outras pessoas interessadas, assistir a assembleias e participar de congressos. Pouco tempo tínhamos para desenvolver nossos próprios interesses e praticamente tudo o que podíamos ou não fazer era ditado pela organização, por meio da sua liderança — o corpo governante. É um controle praticamente absoluto. E não se aceita desobediência ou crítica aos líderes!

As Testemunhas de Jeová são doutrinadas a seguir lealmente o Corpo Governante, os líderes máximos na organização, mesmo que não entendam o ensino. A obediência dentro do grupo tem de ser absoluta e inequívoca. E isso faz com que as pessoas sejam avaliadas por essa obediência e a sua espiritualidade é medida exatamente na mesma proporção da sua dedicação e lealdade aos líderes.

Com isso, o que uma Testemunha de Jeová faz é passível de avaliação pelos líderes e pode conduzi-la a ser bem-vista ou malvista dentro do grupo. Em último caso, pode resultar na sua expulsão com a consequente ostracização ou morte social, quando nem um 'oi' pode ser dado ao passar pelo 'desassociado' na rua e deve-se evitar qualquer outro contato.

Os líderes promovem um clima de delação, onde as pessoas acabam vigiando umas às outras e qualquer passo em falso pode levar a pessoa a ser chamada perante os anciãos. Imagine o medo que cada Testemunha de Jeová sente de vir a perder, de um dia para o outro, o convívio social e até mesmo familiar por ser expulsa do grupo!

O degredo emocional e espiritual é ainda pior que o degredo físico, já que o primeiro mantém ao alcance dos olhos o objeto do apego emocional e espiritual, ao passo que o outro, pelo menos, coloca a distância como fator de amenização da dor da separação.

Até mesmo quem passa a discordar de algum ensino ou interpretação tem que silenciar a sua voz, pois sabe que se der a conhecer a sua discordância será taxado de apóstata, com a consequente expulsão humilhante do grupo.

Nunca pude expressar minhas próprias vontades. Havia regras rígidas a serem seguidas, sob pena de ser chamada a prestar contas aos anciãos, uma espécie de tribunal religioso. Dependendo da gravidade da infração, você poderia ser privada de privilégios na congregação. Se o pecado fosse mais grave, como manter relações sexuais antes do casamento, haveria um anúncio público de sua expulsão da religião, ratificando eventuais fofocas que sempre ocorriam em um grupo forçadamente coerente e íntimo.

Consegui passar pela adolescência sem cair nas mãos desses anciãos, mas vi amigas jovens da religião sofrerem punições severas. Algumas foram expulsas e nunca mais tiveram contato comigo, pois eu mantinha o firme propósito de as evitar em todos os ambientes e de todas as formas, condenando-as, eu também, ao ostracismo eterno.

Em 1989, comecei a namorar meu atual marido, o que para mim foi uma libertação, pois finalmente tinha alguém com quem conversar, apesar de sermos constantemente vigiados por todos.

Evidentemente, o namoro trouxe uma nova série de controles e constantes discussões com meus pais, relacionados à proibição de encontros sozinhos, hábitos e locais de namoro, vigilância cerrada por parte deles e, claro, dos meus irmãos carnis, mais jovens. Lembro-me de quantas vezes fui seguida nas ruas por meu pai, como forma de evitar o contato com o homem que havia escolhido. A vergonha e o constrangimento ainda me entristecem três décadas e meia depois!

Humilhações, rejeição e oposição ao meu então namorado se tornaram uma constante por parte dos meus pais, seja por seu extrato socioeconômico, e, portanto, falta de perspectiva de casamento no curto prazo — Testemunha de Jeová não pode namorar por muito tempo — seja por sua 'baixa espiritualidade' na percepção de meus progenitores e outros membros da congregação com que nos associávamos, mormente os anciãos, os líderes locais.

Aspectos do caráter, índole, perspectivas e a forma como ele me tratava não entravam na conta, por serem irrelevantes perante os dois critérios centrais para a aprovação de um namoro: espiritualidade e condições de contrair matrimônio em curto prazo.

Não obstante todo o sofrimento que não caberia nas páginas deste artigo, casamo-nos. Fomos proibidos de casar no Salão do Reino, por razões que até hoje não sabemos muito dizer quais seriam e casamos no quintal da minha casa, apenas no civil, com a presença do juiz de paz, mas sem qualquer benção, ou preleção dos líderes religiosos. Sei que até hoje o casamento deixou mágoas em meu marido, pela forma como foi considerado e organizado por meus pais.

Casais Testemunhas de Jeová são incentivados todo o tempo a não terem filhos, pois, o mundo em que vivemos é local hostil para a criação de filhos, repetiam as publicações do Corpo Governante, e os discursos incessantes de anciãos e outros líderes da religião. Como exemplo, tome-se matéria publicada em A Sentinela de 1º de agosto de 2000, p. 21:

Vivemos num tempo similar à época em que Noé e sua família construíram a gigantesca arca que os

preservou durante o grande Dilúvio. (Gênesis 6:13-16; Mateus 24:37) Embora os três filhos de Noé fossem casados, nenhum deles teve filhos antes do Dilúvio. Um dos motivos pode ter sido o de quererem dedicar plena atenção e energia à obra que tinham a fazer. Outro motivo pode ter sido sua relutância em ter filhos num mundo degradado e violento onde 'a maldade do homem era abundante e toda inclinação dos pensamentos do seu coração era só má, todo o tempo'. — Gênesis 6:5. Isso não quer dizer que é errado ter filhos atualmente, mas muitos cristãos preferem não os ter para poderem empenhar-se plenamente na obra urgente que Jeová deu ao seu povo. Alguns casais esperam algum tempo para ter filhos; outros decidem ficar sem filhos e consideram a possibilidade de tê-los no novo mundo justo de Jeová. Será que isso é ter falta de visão do futuro? Estão perdendo algo na vida? São dignos de pena?

Não obstante, meu marido e eu optamos por ter filhos. Em 17/07/2000 nasceu nosso filho, Max, agora médico, e, em 16/4/2003, nasceu nossa filha, Erin, concluindo ano que vem o curso de Direito. Ambos foram submetidos à disciplina das Testemunhas de Jeová, até mesmo porque nessa ocasião, meu próprio marido era um ancião.

Meus filhos cresceram em uma rotina 'espiritual' rigorosa, com programações de pregação de casa em casa, estudo da Bíblia em família e pessoal, viagens para locais de adoração, e muitas, muitas proibições. Não podiam, como eu, participar de cerimônias cívicas, nunca acreditaram em Papai Noel ou coelhinho da Páscoa, nunca comemoram um aniversário e foram isolados de todos estes símbolos que ajudam a consolidar memórias afetivas na juventude, construindo adultos saudáveis.

No entanto, quando meu filho entrou na faculdade de medicina da Universidade de Brasília, e, durante as longas horas de ócio da pandemia de Covid – 19, começou a questionar a doutrina. Como dito, em nossa religião, não havia espaço para questionamentos ou para ler algo que não fosse publicado pelas Testemunhas de Jeová. O resultado foi a desassociação de meu filho, apesar de ele sempre ter sido obediente, responsável e de possuir uma fé inquestionável.

Com esse acontecimento, meu marido e eu nos vimos diante de uma decisão: expulsar nosso filho de casa (que seria o que os anciãos aconselhavam fortemente) ou acolhê-lo, o que nos levaria a ser igualmente ostracizados na igreja, incluindo a perda da função de ancião pelo meu marido.

As Testemunhas de Jeová utilizam textos bíblicos como carta de Paulo aos Romanos 16:17-18, 1 Coríntios 5:11 e Tito 3:10,11 como justificativa para a prática do ostracismo social e religioso dos desviantes.

Escolhemos acolher nosso filho. Assim, meus quase cinquenta anos de dedicação à religião desmoronaram. Isso implicou que meus antigos amigos dentro da religião sequer caminhassem mais na mesma calçada que eu. As

pessoas desassociadas, ou que se afastam, como nossa família decidiu, são vistas como uma gangrena, e a convivência com elas é cortada para evitar contaminação.

Toda a minha história de vida foi apagada por essas pessoas. Seguindo o modelo cognitivo previsto pela TCC, partindo da hipótese de que as emoções, os comportamentos e a fisiologia de uma pessoa são influenciados pela própria percepção dos eventos (Beck, 2013), sofri profundamente, chorei por quase dois anos, mas continuei a cuidar da minha família

Com o tempo, percebi que aqueles amigos estavam condicionados a uma doutrina cheia de regras, e prometi a mim mesma que nunca mais passaria por isso, buscando me livrar dos pensamentos automáticos disfuncionais oriundos dos eventos-gatilhos do sofrimento.

Meus pais continuam na religião, e meu irmão mais novo é ancião, assim como meu pai. Quando meu filho foi desassociado, dei a notícia ao meu pai. A resposta dele foi devastadora: "Preferia ter recebido a notícia de que ele havia morrido do que essa." Desde então, meus pais nunca mais aceitaram meu filho em sua casa. Eu e meu marido ainda visitávamos meus pais duas vezes por ano, até que, na última visita, em janeiro de 2024, o que eu temia aconteceu.

Depois de voltarmos para casa, aqui em Brasília, recebi um áudio de um outro de meus irmãos, que sequer jamais tinha sido Testemunha de Jeová, pedindo que não fôssemos mais à casa de nossos pais, que deveríamos seguir nossas vidas e que eles não queriam mais nenhum tipo de ajuda ou contato. Nesse dia, senti como se o chão se abrisse sob meus pés, e fui consumida por um buraco de tristeza. Chorei por meses até que, um dia, decidi ligar para minha mãe. Não consegui, não havia mais nem uma foto ou qualquer coisa dela no meu telefone. Pensei que talvez tivessem mudado de número. Tentei ligar para meu pai, mas o mesmo aconteceu. Foi então que liguei para minha irmã e descobri que haviam bloqueado o número do meu telefone.

Aquele buraco que me engolia agora estava cheio de terra, e eu me sentia sufocada, enterrada viva. Desde então, sou órfã de pais vivos. Diante disso, precisei buscar ajuda, pois conforme Ellis (1973) e seu método ABC, qualquer experiência ou evento determinados ativa (**A**) crenças individuais (**B**), que, por sua vez, geram consequências (**C**) emocionais, comportamentais e fisiológicas, levando ao transtorno emocional.

O rompimento com as Testemunhas de Jeová trouxe-me uma dor psíquica e emocional profunda. É como o corte do cordão umbilical no nascimento, um rompimento definitivo que impossibilita a reconexão, em um modelo de sofrimento explicado pela Terapia Cognitivo

Comportamental (TCC), mais especificamente por estudos focados nos traumas (TCC – FT), com base em Beck (2013) e Foster (2014), que tratam a sintomatologia provocada por exposições crônicas a fenômenos traumáticos.

Foram cinquenta anos de pertencimento, e, ao romper, compreendi que essa era uma separação irreversível, não apenas espiritual, mas também física, já que resultou no afastamento da minha própria família e dos amigos pertencentes ao grupo religioso.

Esse sentimento de abandono trouxe um medo intenso, insegurança, e, em muitos momentos, a sensação de estar pairando no ar, solta, sem âncora ou mecanismos de segurança, aderência, estabilidade, em modelo similar ao descrito por Beck (2013) ao demonstrar que as emoções, os comportamentos e a fisiologia do paciente são influenciados pelas percepções que eles têm dos eventos. Para a criadora da TCC, a situação por si só não determina o que a pessoa sente, mas sim a maneira como entende e interpreta aquela vivência.

John Bowlby (2019), ao desenvolver a Teoria do Apego, descreve como nossas experiências iniciais moldam padrões emocionais que influenciam nossa habilidade de lidar com perdas e rupturas. Encontro-me em momento descrito por esse conceito, pois esse rompimento foi uma experiência de separação profunda.

Há quase um ano, minha família — meus pais e dois de meus irmãos — me enterraram viva, e, desde então, luto contra dores crônicas, físicas e emocionais, buscando reconstruir uma base segura para o tempo que ainda tenho.

Na psicologia, compreendi a origem e os efeitos dessas dores e, mesmo em meio a essa solidão, tenho desenvolvido estratégias de enfrentamento e superação para dar novos significados ao que restou.

Dentre os possíveis sofrimentos vivenciados por mim, posso destacar que estejam categorizados aqui por palavras comuns em nosso meio, mas que agora, diante da narrativa parecem figurar para mim com maior clareza: o medo, a vergonha, o desamparo, a culpa e talvez e com mais profundidade o sentimento de revolta e impotência (Hayes; Barnes-Holmes; Roche, 2001).

Assim, respondendo ao objetivo geral da pesquisa que deu origem a este artigo, o Quadro 2 descreve como mecanismos de adoecimento psíquico são acionados por práticas religiosas

fundamentalistas, por meio das categorias de análise de conteúdo definidas com base em meu relato pessoal e com lastro na literatura utilizada na construção do artigo.

O acionamento de tais mecanismos por práticas religiosas é considerado na terceira coluna do Quadro 2, que apresenta evidências das percepções captadas por mim (Bardin, 2009, p. 113) da presença de tal discurso em publicações das Testemunhas de Jeová, utilizando-se o banco de dados de crenças e ensinamentos que a religião disponibiliza por meio de sua Biblioteca *online*, localizada no site www.jw.org.

Assim o Quadro 2 elenca os **códigos**, as **categorias** e sua **definição**, realizando a **interpretação** e o **reporte** dos resultados, consideradas as **unidades semânticas** (Bardin, 2009) escolhidas, justapondo as categorias às evidências do discurso nas publicações, considerando uma base publicada no período entre 1990 e 2024, cobrindo, portanto, trinta anos de produção literária.

Mantendo o padrão de apresentação das publicações no banco de dados do site, as referências aos documentos seguem siglas e acrônimos que são explicitados logo a seguir para melhor compreensão e permitir que outros pesquisadores tenham condição de aprofundar os estudos, caso trilhem caminhos metodológicos e escolhas similares.

Salvo outra citação, todas as pesquisas de evidências sobre as categorias de análise foram realizadas em www.jw.org, o site oficial das Testemunhas de Jeová, que entre outras funcionalidades traz uma versão digital da biblioteca essencial das Testemunhas de Jeová, contendo publicações desde o início do século XX até os tempos atuais, embora uma quantidade grande de publicações tenham sido excluídas por sua inadequação às crenças atuais da religião (Crompton, 1996).

Apresenta-se também a explicação das siglas/acrônimos das publicações. W: A Sentinela; G: Desperta; it: Estudos das Escrituras; yp: Anuário das Testemunhas de Jeová; ijwhf: Ajuda para a Família - Perguntas Bíblicas Respondidas; scl: Princípios Bíblicos para a Vida Cristã; lv: Mantenha-se no Amor de Deus; fy: O Segredo de uma Família Feliz; lvs: Continue a Amar a Deus; mwb: Nossa Vida e Ministério Cristão; ijwfq: Perguntas Frequentes sobre as Testemunhas de Jeová (site); ip: Profecia de Isaías — Uma Luz para Toda a Humanidade I, II e III.

Quadro 2 – Análise de Conteúdo Categorical – Mecanismos de Adoecimento Psíquico

Código	Categorias de Análise dos Mecanismos e Adoecimento Psíquico	Acionamento pelas Práticas Religiosas
ID	Inadmissão de divergências	A liderança da religião comporta-se de maneira autocrática e totalitária, em relação a críticas focando as demandas da Sociedade Torre de Vigia pela

Código	Categorias de Análise dos Mecanismos e Adoecimento Psíquico	Acionamento pelas Práticas Religiosas
		<p>obediência e lealdade das Testemunhas, sua intolerância em relação a discussões abertas e de dissenso de doutrinas e práticas (Holden, 2002).</p> <p>A Sentinela, 1 de Março de 1986. Páginas 13-15, parágrafos 10-16.</p> <p>Quando outra pessoa nos diz: 'Não leia isso', ou: 'Não escute isso', talvez fiquemos tentados a desconsiderar seu conselho. Mas, lembre-se de que, neste caso, é Jeová quem nos diz na sua Palavra o que devemos fazer. E o que ele diz a respeito dos apóstatas? Evite-os' (Romanos 16:17, 18); 'cesse de ter convivência com' eles (1 Coríntios 5:11); e 'nunca os receba no seu lar, nem os cumprimente' (2 João 9, 10). Estas são palavras enfáticas, orientações claras. Se nós, por curiosidade, lêssemos a literatura dum apóstata conhecido, não seria isso igual a convidar este inimigo da verdadeira adoração à nossa casa, para se sentar conosco e expor suas idéias apóstatas?</p>
SE	Supressão constante do ego em nome da humildade requerida para um religioso.	<p>Raymond Franz (2008) descreve como o Corpo Governante da religião deprecia e procura silenciar os pontos de vista divergentes dentro da organização, e demanda conformidade organizacional que substitui a consciência pessoal. Comumente se utiliza Romanos 12:3 para justificar essa postura.</p> <p>3 Pois, por meio da bondade imerecida que me foi concedida, digo a cada um de vocês <u>que não pense de si mesmo mais do que é necessário pensar</u>, mas que cada um pensa de um modo que revele bom senso, conforme a medida de fé que Deus lhe deu. (g.n.)</p> <p>Também é paradigmático este trecho da principal publicação das TJ, a revista A Sentinela, de 15/07/1991, pp. 27-30:</p> <p>A veste da humildade ajuda-nos a aceitar a disciplina. As pessoas humildes não são como Uzias, Rei de Judá, cujo coração ficou tão ensorbecido que ele usurpou deveres sacerdotais. Ele 'agiu de maneira infiel contra Jeová e entrou no templo para queimar incenso no altar de incenso'. Ao ficar furioso com os sacerdotes por estes o terem corrigido, Uzias foi acometido de lepra. Que preço a pagar pela falta de humildade! (2 Crônicas 26:16-21; Provérbios 16:18) Jamais seja como Uzias, deixando que o orgulho o impede de aceitar a disciplina da parte de Deus por meio de Sua Palavra e organização.</p>
SH	A anteposição entre vida subjetiva e vida espiritual, com renúncia total à subjetividade humana.	<p>Holden (2002) afirma que as Testemunhas aprendem sua teologia de uma forma altamente mecânica, aprendendo quase de cor num método que Franz (2008) descreveu como seções de pergunta-e-resposta catequistas, nas quais ambas as questões e as respostas são providenciadas pela organização, criando prazer na Testemunha ao repetir o pensamento da organização e impedindo toda forma de subjetividade, levando a uma automatização do pensamento humano.</p> <p>As Testemunhas de Jeová têm autorização da Sociedade Torre de Vigia para ler somente material publicado pela própria Sociedade, sendo altamente desaconselhável a consulta a qualquer outra fonte, conforme trecho extraído da revista Despertai de 22 de julho de 1997:</p> <p>No entanto, havendo tantos assuntos a tratar, onde começar? O versículo da Bíblia que diz: "De se fazer muitos livros não há fim", também diz: "Muita devoção a eles é fadiga para a carne." (Eclesiastes 12:12) Não se pode ler tudo — e nem tudo é saudável e verídico. Assim, seja seletiva. Procure ler matérias que moldam sua personalidade para melhor e que o ajudem em seu serviço, na escola, ou a cuidar de suas responsabilidades familiares. Poderá expandir imensamente seus horizontes por ler publicações internacionais, como Despertai! No espaço de algumas páginas, poderá usufruir de informações reunidas de todo o mundo.</p>
MC	Microcontrole de todos os aspectos da vida (educação, profissão, amizades, relacionamentos amorosos, casamento, criação de filhos, vestimenta e práticas de	<p>1. Restrições à educação superior: Identificadas 5.591 publicações sobre o assunto, como por exemplo, A Sentinela de 15/10/2013; Apostila Como as TJ encaram a educação.</p> <p>2. Escolhas Profissionais: Identificadas 713 publicações sobre o tema, como, por exemplo: Despertai de 08/12/1971. Despertai de 22/12/1991.</p> <p>3. Amizades: w23.02 17-18; w15 15/1 25; w07 1/5 15-16; w02 15/8 21-22; w93 1/8 18-19; g 8/09 4-5; w07 15/9 10.</p> <p>4. Relacionamentos Amorosos: identificadas 393 publicações sobre o tema,</p>

Código	Categorias de Análise dos Mecanismos e Adoecimento Psíquico	Acionamento pelas Práticas Religiosas
	lazer).	<p>como: avaliar um futuro cônjuge: ijwyp artigo 18; scl 22-23; g 3/14 2; g 1/09 20; g 3/08 30; g 5/07 18-20; g04 22/10 21; fy 22-24; conceito das Testemunhas de Jeová: ijwfyq artigo 43; mwb17.12 7; w99 1/10 8-9; importância de esperar: yp2 16-20; g01 22/1 20-21; demonstrações de afeto: w24.05 29; yp2 43; g04 22/8 18; g94 22/3 16-18.</p> <p>5. Casamento: identificadas 4.710 publicações sobre o assunto, como: escolher um cônjuge: w24.05 20-25; ijwhf artigo 34; w23.12 22-23; scl 21-22; mwb22.09 4-5; lff lição(ões) 42; lvs 134-137; w15 15/1 31-32; lv 113-115; w12 15/5 3-4; w11 15/10 15; yp2 28-32, 34-41; w07 15/2 18-19; w06 1/3 23-24; w01 15/5 16-21; w00 15/10 24; g00 8/5 30; w99 15/2 6-8; g99 8/10 18-19; fy 18, 20-24; w93 15/2 17-18; g92 22/6 6-7, 9; não se pôr em “juogo desigual” (2Co 6:14): w24.07 24-25; mwb21.05 14; it-2 169; lvs 134-135; w17.03 25-26; w15 15/8 26-27; lv 113, 115; w12 1/7 29; yp2 34; w04 1/7 30-31; w03 15/10 32; w02 15/3 28; w02 1/5 17; g98 22/1 20; w95 15/11 31.</p> <p>6. Criação de filhos: encontradas 14.750 publicações sobre o assunto, como: pais não são colegas: g02 8/10 9; g97 8/8 11; g97 8/10 31; g95 8/1 29; descobrir o que os filhos pensam ao estar com eles na natureza: w23.03 25; restrições à televisão: g 5/14 3; g 11/09 6; g 10/06 7; g04 22/7 29; g04 8/11 28; g04 22/12 28; g01 22/8 29; g01 8/11 28; g00 8/4 28; g98 8/7 28; g97 8/9 28.</p> <p>7. Vestimenta: identificadas 656 publicações sobre o tema, como: ad pp. 1664-1648; w64 15/9 pp. 556-56; g95 8/3 pp. 21-24 - Desperta! — 1995.</p> <p>8. Lazer: identificadas 240 publicações sobre o tema, como: clubes noturnos: g91 8/2 15-17; recreação inaceitável: scl 61; w11 15/10 8-9; w06 1/3 18-19; evitar a contaminação espiritual: w92 1/6 20; jogos de representar papéis (RPGs): g00 8/4 30; g99 22/8 12-14.</p>
PP	A ameaça constante da perda de privilégios, perda da aprovação de Deus, perda da oportunidade de vida eterna.	Revista a Sentinela w23.07 11-12; w23.09 6-7; w22.09 6-7; w22.11 22-23; w14 15/8 26-28; w13 15/6 28; w12 15/10 14-15; w10 15/5 27-28; w09 15/8 30-32; w08 15/3 23; w07 15/1 8-9; w07 1/3 19; w06 1/5 16; w01 1/2 21; ip-1 243; w97 15/5 24-25; w97 1/12 14, w12 15/5 4.
OD	A rejeição e ostracismo aos divergentes	<p>Estudo Perspicaz das Escrituras, Vol. 1:</p> <p>Excomunhão ou desassociação judicial de infratores, que assim deixam de ser membros ou associados de uma comunidade ou organização. No caso de sociedades religiosas, é um princípio e um direito inerentes nelas, e é análoga aos poderes de pena capital, de banimento e de exclusão do rol de membros, exercidos por entidades políticas ou municipais. Na congregação de Deus é exercida para manter a pureza doutrinal e moral da organização. O exercício deste poder é necessário para a continuação da existência da organização e especialmente da congregação cristã. A congregação tem de permanecer pura e manter o favor de Deus, a fim de ser usada por ele e de representá-lo. Senão, Deus expulsaria ou decepar a congregação inteira. — Re 2:5; 1Co 5:5, 6.</p> <p>Algumas das transgressões que podem fazer com que alguém seja desassociado da congregação cristã são fornicção, adultério, homossexualismo, ganância, extorsão, furto, mentira, bebedice, injúria, espiritismo, assassinato, idolatria, apostasia e causar divisões na congregação. (1Co 5:9-13; 6:9, 10; Tit 3:10, 11; Re 21:8) Aquele que promove uma seita é misericordiosamente advertido uma primeira e uma segunda vez, antes de se tomar a ação de desassociá-lo. Na congregação cristã, aplica-se o princípio estipulado na Lei, a saber, que duas ou três testemunhas têm de confirmar a evidência contra o acusado. (1Ti 5:19) Os condenados de uma prática de pecado são repreendidos publicamente perante os “espectadores”, por exemplo, aqueles que deram testemunho a respeito da conduta pecaminosa, para que todos os estes também tenham temor salutar de tal pecado. — 1Ti 5:20; veja REPREENSÃO.</p> <p>A congregação cristã é também admoestada pelas Escrituras a parar de se associar socialmente com aqueles que são desordeiros e que não andam corretamente, mas que não são considerados merecedores de uma expulsão total. Paulo escreveu à congregação tessalonicense a respeito de tais: “Parai de associá-los com ele, para que fique envergonhado. Contudo, não o consideras como inimigo, mas continuai a admoestá-lo como irmão.” — 2Te 3:6, 11, 13-15.</p> <p>No entanto, a respeito daquele que era cristão, mas que mais tarde repudiou a congregação cristã ou foi expulso dela, o apóstolo Paulo ordenou: ‘Cessai de</p>

Código	Categorias de Análise dos Mecanismos e Adoecimento Psíquico	Acionamento pelas Práticas Religiosas
		ter convivência com' tal; e o apóstolo João escreveu: "Nunca o recebais nos vossos lares, nem o cumprimenteis." — 1Co 5:11; 2Jo 9, 10.

Fonte: Pesquisa e análises realizadas pela autora, 2024 - <https://wol.jw.org/pt/wol/h/r5/lp-t>

Conclusão

Os mecanismos de adoecimento mental introduzidos por práticas religiosas fundamentalistas, conforme descritos detalhadamente na seção de resultados deste artigo são: (a) a inadmissão de divergências; (b) a supressão constante do ego em nome da humildade requerida; (c) a anteposição entre vida subjetiva e vida espiritual, com renúncia total a subjetividade humana; (d) micro controle de todos os aspectos da vida (educação, profissão, amizades, relacionamentos amorosos, casamento, criação de filhos, vestimenta e práticas de lazer); e (e) ameaças de perdas de privilégios e direitos; e (f) a rejeição e ostracismo aos divergentes.

As evidências do *quantum* de dor, frustração e adoecimento mental por que passei ao longo do meu processo de desligamento das Testemunhas de Jeová, são compartilhadas provavelmente por milhões de pessoas, que, premidas por circunstâncias parecidas, precisam ou decidem abandonar seus grupos religiosos, muitas vezes provocando um deslocamento de proporções tectônicas em relação a sua história ancestral, introduzindo distorções cognitivas como catastrofização, emocionalização, polarização (pensamento tudo-ou-nada) e Imperativos, conforme modelo criado por Knapp e Beck (2008).

Conforme outros estudos citados neste artigo demonstram, há uma clara conexão entre o sofrimento psíquico e práticas religiosas fundamentalistas, uma vez que diferentes pessoas criam diferentes expectativas e formas de reagir ao pesado conjunto de regras subjacentes a tal ordenamento religioso (Ellis, 1973; Beck, 2013; Hayes et. al. (1994); Conte ,2010).

Não obstante, faz-se necessário reconhecer aqui que o processo é de libertação também, pois somente do lado de fora do grupo é possível compreender o quanto ele adoce mentalmente sem que percebamos, pois pelo uso massivo dos mecanismos de adoecimento analisados neste artigo, que, ao despersonalizar vontades, anseios e sonhos por meio de uma redução a um denominador comum coletivo em que as promessas de Deus para o futuro se apresentam como algo mais benéfico que toda e qualquer consecução humana, permite-se o amortecimento dos sentidos, substituindo-os pela mais convincente alienação.

Hayes, Jacobson, Follette e Dougher

(1994), pesquisadores que têm focado diretamente o sofrimento humano, afirmam que eventos privados são ecos, reflexos da história de vida das pessoas. Assim como eles, os analistas do comportamento que os precederam e seus contemporâneos entendem que todos os comportamentos mencionados no relato, bem como o próprio comportamento de selecioná-los e relatar, são resultados de contingências filogenéticas, ontogenéticas e culturais às quais o indivíduo esteve e está exposto. Todo o sofrimento, portanto, compõe-se de respostas e comportamentos que se modificam continuamente (Conte, 2010).

Ao controlar cada aspecto da vida de seus membros, o Corpo Governante das Testemunhas de Jeová passa a funcionar como uma espécie de farol que ilumina um único caminho, também traçado por eles, tendo base nas distorções dos textos sagrados e uma coesão obtida pelo medo.

A religião, que pode funcionar como instrumento promotor da cura, também funciona como instrumento promotor do adoecimento mental, a morte psíquica.

Agradecimentos

Agradeço ao meu marido, Osório, companheiro de todas as leituras, revisor dedicado de todos os meus trabalhos, a meus filhos, Max e Erin, que me deram força para fazer a mudança retratada neste artigo. Agradeço a minha irmã, Miriã, que mais que exemplo de transformação, me fornece ainda o conforto de um pouco de família ancestral, além de apoio prático todas as vezes que precisei e, ainda precisarei.

Agradeço também, de forma especial, a minha orientadora Sônia Amoroso, que soube direcionar com tato e método as etapas que conduziram a este relato e, agradeço também as outros professores e professoras que, com brilhantismo didático e amor pela profissão esmeram-se para ajudar-me a construir visão e capacidade crítica associadas à boa teoria psicológica que me permitiram identificar não apenas um tema, mas causas profundas, ocultas e antigas para vários de minhas tristezas e meu adoecimento/morte psíquica que, neste mesmo momento em que escrevo estas linhas finais, passa por um gradual e sofrido processo de ressurreição.

Referências

- AGHABARARY, M. & NAYERI, N. D. Reasons behind providing futile medical treatments in Iran. **Nurs Ethics**. vol. 24, nº 1, pp. 33-45, 2017. Disponível em <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27000190/>. Acesso em 07/09/2024.
- ASAD, Talal. A construção da religião como uma categoria antropológica. **Cadernos de Campo**. Vol. 19. 263, 2010. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/44990>. Acesso em 12/06/2024.
- ATKINSON, Paul. Rescuing Autoethnography. **Journal of Contemporary Ethnography**, vol. 35, n. 4, p. 400-404, 2006. Disponível em <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0891241606286980>. Acesso em 13/11/2024.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Edição Revista e Atualizada. Lisboa. Edições 70, 2009.
- BECK, Aaron. Thinking and Depression: Idiosyncratic Content and Cognitive Distortions. **Archives of General Psychiatry**. V. 9 p. 324-333, 1963. Disponível em <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/14045261/>. Acesso em 13/11/2024.
- BECK, Judith. **Terapia Cognitivo-Comportamental - Teoria e Prática**. 2ª. Edição. Porto Alegre, RS: Artmed, 2013.
- BOFF, L. **Fundamentalismo: a globalização e o futuro da humanidade**. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- BORTOLINI, Tiago. YAMAMOTO, Maria E. Surgimento e Manutenção do Comportamento religioso: contribuições da teoria evolucionista. **Estudos de Psicologia**. Nº 2, Vol. 18, Natal, junho de 2013. Disponível em <https://www.scielo.br/j/epsic/a/fnmCj63XJQw4y3dkmXKqxMt/>. Acesso em 15/08/2024.
- BOWLBY, John. **Perda: Tristeza e Depressão**. Vol. 3. São Paulo: Martins Fontes, 2019.
- _____. **Apego e Perda. A natureza do vínculo** (Álvaro Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BRITO, Maria A. AMAD, Ali. ROLLAND, Benjamin. GEOFFROY, Pierre. PEYRE, Hugo. ROELANDT, Jean-luc. BENRADIO, Imane. THOMAS, Pierre. VAIVA, Guillaume. SCHURNOFF, Franck. PIGNON, Baptiste. Religiosity and prevalence of suicide, psychiatric disorders and psychotic symptoms in the French general population. **Eur Arch Psychiatry Clin Neurosci**. Vol. 271, nº 8, pp. 547-1557, 2021. Disponível em <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33566159/>. Acesso em 15/08/2024.
- CARVALHO, Anna K. C. FARIA, Ana L. B. LISBOA, Elizandra P. SILVA, Valcelir B. ALENCAR, Valéria L. A. Religião como Forma de Controle Social. **Revista Humanidades e Inovação**. Vol. 7, nº. 2, 2020. Disponível em <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1398>. Acesso em 10/09/2024.
- CHANG, Heewon. **Autoethnography as Method**. London: Routledge, 2016.
- CONTE, Fátima Cristina de Souza. Reflexões sobre o sofrimento humano e a análise clínica comportamental. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 2, p. 385-398, 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2010000200013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 nov. 2024.
- CORDERO, R. D., CASTILLO, C. S., & ESCAÑO, J. V. (2019). La formación en religiosidad y espiritualidad en los estudios de Grado en Enfermería. **Cult. Cuid**, vol. 23, nº 53, pp. 304-315, 2019. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6919513>. Acesso em 12/10/2024.
- CROMPTON, Robert. **Counting the Days to Armageddon**. Cambridge: James Clarke & Co, pp. 9, 115, 1996.
- CROSSLEY, J.P.; SALTER, D.P. - A question of finding harmony: a grounded theory study of clinical psychologists' experience of addressing spiritual beliefs in therapy. **Psychol Psychotherapy**, Vol. 78, nº 3, pp. 295-313, 2005. Disponível em <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16259848/>. Acesso em 10/09/2024.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. Introduction: The discipline and practice of qualitative research. In: DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna (orgs.). **Handbook of Qualitative Research**. Thousand Oaks: Sage, 2000, p.1-28.

ELLIS, Albert. **Reason and Emotion in Psychotherapy**. New York: Lyle Stuart, 1973.

FERREIRA, T.T.F., BORGES, M. F., ZANETTI, G. C., LEMOS, G. L., GOTTI, E. D., TOMÉ, J. M., & REZENDE, E. A. M. R. Percepção de Acadêmicos de Medicina e de Outras Áreas da Saúde e Humanas (Ligadas à Saúde) sobre as Relações entre Espiritualidade, Religiosidade e Saúde. **Rev. Bras. Educ. Méd.**, vol. 42, nº 1, pp. 67-74, 2018. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbem/a/949srBS3hRT5ygRgW8YvPrf/>. Acesso em 05/05/2024.

FEUERBACH, L. **A Essência do Cristianismo**. Trad. José da Silva Brandão. Petrópolis: Vozes, 2007.

FOSTER, James. M. (2014). Supporting child victims of sexual abuse: implementation of a trauma narrative family intervention. **The Family Journal: Counseling and therapy for couples and families**. nº 22, Vol. 3, p. 332-338, 2014. Disponível em <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1066480714529746>. Acesso em 19/09/2024.

FRADELLOS, E. C., TZAVELLA, F., KOUKIA, E., PAPATHANASIOU, I.V., and ALIKARI, V., STATHOULIS, J., & ZYGA, S. Integrating Chronic Kidney Disease Patient's Spirituality in Their Care: Health Benefits and Research Perspectives. **Mater Sociomed**. vol.7, nº 5, pp. 354-358, 2015. Disponível em <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26622206/>. Acesso em 22/10/2024.

FRANZ, Raymond. **Crise de Consciência: o conflito entre a lealdade a Deus e a lealdade a uma Religião**. Atlanta: Commentary Press, 2008.

FRAZER, James. **The Golden Bough: a study in religion and Magic**. New York: Dover Publication, 2002.

FREITAS, Marta H. PIASSON, Douglas L. Religião, Religiosidade e Espiritualidade: Repercussão na Mídia e Formação Profissional em Psicologia. **Esferas**. Ano 5, nº 8, pp. 103-112, 2016. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/315534155_Religio_religiosidade_e_espiritualidade_repercussao_na_midia_e_formacao_profissional_em_psicologia. Acesso em 12/08/2024.

FREUD, Anna. **O Ego e os Mecanismos de Defesa**. Rio de Janeiro: BUP, 1968.

HAYES, S. C. JACOBSON, N. S. FOLLETTE, V. M. DOUGHER, M. J. **Acceptance and change: content and context in psychotherapy**. Reno, N.V.: Context Press, 1994.

HEMMING, P., TEAGUE, P. J., CROWE, T., & LEVINE, R. Chaplains on the Medical Team: A Qualitative Analysis of an Interprofessional Curriculum for Internal Medicine Residents and Chaplain Interns. **Journal of Religious Health**, vol. 55, nº 2, pp. 560-71, 2016. Disponível em <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26578510/>. Acesso em 17/09/2024.

HOLDEN, Andrew. **Jehovah's Witness: portrait of a contemporary religious movement**. New York: Routledge, 2022.

HOVLAND, C. NIEDERRITER, J. THOMAN, J. Spirituality and Interprofessional Healthcare Education: An Exploratory Study. **J Christ. Nursery**. vol. 35, nº4, 2018. Disponível em <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30199003/>. Acesso em 10/10/2024.

KAZMER, M. M., GLUECKAUF, R. L., SCHETTINI, G., MA, J., & SILVA, M. Qualitative Analysis of Faith Community Nurse-Led Cognitive-Behavioral and Spiritual Counseling for Dementia Caregivers. **Qual. Health Res.**, vol. 28, nº 4, pp. 633-647, 2018. Disponível em <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/29169293/>. Acesso em 13/11/2024.

KATHIAM, Nick. Leaving for This World: Psychological Implications of Disaffiliating From the Jehovah's Witnesses for Those Raised in the Religion. **Dissertação**. School of Psychology, University of Derby. 2023. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/376133686_Leaving_for_This_World_Psychological_Implications_of_Disaffiliating_From_the_Jehovah's_Witnesses_for_Those_Raised_in_the_Religion. Acesso em 13/11/2024.

KNAPP, Paulo. BECK, Aaron T. Fundamentos, modelos conceituais, aplicações e pesquisa da terapia cognitiva. **Braz. J. Psychiatry**. Nº 30, suppl. 2, Out. 2008. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbp/a/HLpWbYk4bJHY39sfJfRJwt>. Acesso em 29/10/2024.

KOENIG, H. - **Handbook of religion and health: a century of research reviewed**. Oxford: University Press, 2001.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Homem nu: Mitológicas IV**. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

LUCCHETTI, G., GRANERO, A.L., BASSI, R.M., LATORRACA, R. & NACIF, S.A.P. (2010). Espiritualidade na prática clínica: o que o clínico deve saber? **Revista Brasileira Clínica Médica**, Vol. 8, nº 2, pp. 154-158, 2010. Disponível em: <http://www.amemg.com.br/wp-content/uploads/2012/01/Espiritualidade-na-pratica-clinica-o-que-o-clinico-deve-saber.pdf>. Acesso em 07/03/2024.

LUKÁCS, György. **Para uma Ontologia do Ser Social, Vol. II**, Trad. Carlos Nelson Coutinho, Mário Duayer e Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2012.

LUTHER, Rosie. What Happens to Those Who Exit Jehovah's Witnesses: An Investigation of the Impact of Shunning? **Pastoral Psychol.** Vol. 2023; Vol. 72, nº 1, pp. 105–120, 2023. Disponível em <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36618854/>. Acesso em 12/03/2024.

MAHONEY, Michael J. LYDDON, William J. Recent developments in cognitive approaches to counseling and psychotherapy. **The Counseling Psychologist**. Vol. 16, nº 2, p. 190–234, 1988. Disponível em <https://psycnet.apa.org/record/1989-12683-001>. Acesso em 13/11/2024.

MENDES, Estevam D. P. A. Inimigos da Torre: um estudo sobre Testemunhas de Jeová, desvio, moralidade e dissidência. **Tese**. Centro de Ciências Humanas Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte, 2017. Disponível em <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/25619>. Acesso em 03/03/2024.

MENDONÇA, Rosemary F. A. LOPES, Cintia B. MORAES, Ana T. P. ALMEIDA, Kelly C. G. AMORIM, Mariana E. SILVA, Luana G. AVILA, Meg G. M. Espiritualidade e Saúde Mental Durante a Pandemia de Covid-19. In: **Psicologia: diálogos entre pesquisa e práticas – Volume 1**. AVILA, Meg G. M. LOPES, Cintia B. SILVA, Luana G. (org.). São Paulo: Editora e-Publicar, 2023. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/372145453_ESPIRITUALIDADE_E_SAUDE_MENTAL_DURANTE_A_PANDEMIA_DE_COVID-19. Acesso em 05/07/2024.

MIOVIC, M.; MCCARTHY, M.; BADARACCO, M.A.; GREENBERG, W.; FITZMAURICE, G.M.; PETEET, J.R. - Domains of discussion in psychotherapy: what do patients really want? **American Journal of Psychotherapy**. Vol. 60, nº 1, pp. 71-86, 2006. Disponível em <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16770917/>. Acesso em 06/06/2024.

MONTEIRO, Daiane Daitx; REICHOW, Jeverson Rogério Costa; SAIS, Elenice de Freitas e FERNANDES, Fernanda de Souza. Espiritualidade / religiosidade e saúde mental no brasil: uma revisão. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.** [online]. 2020, vol.40, n.98, pp. 129-139. ISSN 1415-711X. Disponível em https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1415-711X2020000100014. Acesso em 06/09/2024.

MOREIRA, Alexander. NETO FL, KOENIG Harold G. Religiousness and mental health: a review. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, Vol. 28, nº 3, pp. 242-50, 2006. Disponível em <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16924349/>. Acesso em 22/10/2024.

MOREIRA, Alexander A. KOENIG, Harold G. LUCHETTI, Giancarlo. Clinical implications of spirituality to mental health: review of evidence and practical guidelines. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. Nº 36, pp. 176–182, 2014. Disponível em <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24839090/>. Acesso em 22/10/2024.

MOREIRA-ALMEIDA, Alexander. Espiritualidade & Saúde Mental: O desafio de reconhecer e integrar a espiritualidade no cuidado com nossos pacientes. **Zen Review**, 1-6, 2009. Disponível em: http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/M_autores/MOREIRA-ALMEIDA_Alexander_tit_Espiritualidade_e_Saude_Mental.pdf. Acesso em: 07 de março de 2024.

PANASIEWICZ, Roberlei. **Fundamentalismo Religioso: história e presença no Cristianismo. Disponível em**

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/ENSINORELIGIOSO/artigos/8fundamentalismo.pdf. Acesso em 22/09/2024.

PEREIRA, Pedro. Uma viagem retrospectiva à antropologia da religião. **Revista Antropologia Experimental**, Jaén, n. 16, p. 263-284, 2016. Disponível em

https://www.researchgate.net/publication/313732856_Uma_viagem_retrospectiva_a_antropologia_da_religiao. Acesso em 12/08/2024.

RABELAIS, E., JONES, N. L., ULRICH, C. M., & DEATRICK, J. A. Meaning making and religious engagement among survivors of childhood brain tumors and their caregivers. **Oncology Nursery Forum**, vol. 46, nº 2, pp. 170-18, 2019. Disponível em <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30767968/>. Acesso em 1

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 4ª Edição. São Paulo: Atlas, 2017.

ROCHA, Severino. A perversão dos ideais no fundamentalismo religioso. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, São Paulo, vol. 17, nº 3, pp. 761-774, set. 2014. Disponível em

<https://www.scielo.br/j/rpfa/a/3j4CBPgbVksnGDYVbJYsxzp/>. Acesso em 15/08/2024.

ROCHA, Wilton da Silva; SAMPAIO, João Marcos F. O direito e a religião como formas de controle social: socialização, intersecções e dilemas. **Revista Brasileira de Sociologia do Direito**, vol. 3, nº 3, 2016. Disponível em <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-736281>. Acesso em 25/10/2024.

SHANE, S. Patient and Healthcare Perspectives on the Importance and Efficacy of Addressing Spiritual Issues within an Interdisciplinary Bone Marrow Transplant Clinic: A Qualitative Study. **BMJ Open**, vol. 5, nº 11, 2015. Disponível em <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26614623/>. Acesso em 06/05/2024.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Religião e etnicidade: religião e relações raciais na formação da antropologia do Brasil. In: PINHO, A. O; SANSONE, L. (Orgs.). **Raça: novas perspectivas antropológicas**. 2ª. ed. Salvador: EDUFBA, 2008, pp. 285-313. Disponível em <https://repositorio.usp.br/item/001713105>. Acesso em 16/09/2024.

SILVA, Walber N. Alienação Religiosa em Feuerbach e Lukács. **Revista Helius**. Vol. 2, nº 1, pp. 88/102, 2019. Disponível em <https://helius.uvanet.br/index.php/helius/article/view/88>. Acesso em 06/04/2024.

TORRE DE VIGIA. **Testemunhas de Jeová – Proclamadores do Reino de Deus**. New York: Editora da Torre de Vigia, 1993. Disponível em jw.org.br. Acesso de 03/03/2024 a 10/11/2024.

TYLOR, Edward B. **Primitive Culture**. Mineola (EUA): Dover Edition, 2016.

VENKATASALU, M. R., JAGADEESH, N. S., ELAVALLY, S., PAPPAS, Y., MHLANGA, F., & VARATHARAJAN, R. P. Public, patient and carers' views on palliative and end-of-life care in India. **Int Nurs Rev.**, vol. 65, nº 2, pp. 292-301, 2018. Disponível em <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28856680/>. Acesso em 12/08/2024.

VENTEGODT, Soren; MERRICK, Joav. Measurement of Quality of Life VII. Statistical Covariation and Global Quality of Life Data: The Method of Weight-Modified Linear Regression. **The Scientific World Journal**. vol. 3, 2003. Disponível em <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/14570992/>. Acesso em 29/10/2024.

VIEIRA, Maria Elvira S. BARROS, Márcia M. M. A. FIRMINO, Rafael G. Religiosidade e Saúde Mental: Visão de Equipe Multiprofissional de Centro de Atenção Psicossocial. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, Florianópolis, v.12, n.33, p.16-40, 2020. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/69803>. Acesso em 17/08/2024.

WILLIAMS K. D. Ostracism: A temporal need-threat model. **Advances in Experimental Social Psychology**, nº 41, pp. 275–314, 2009. Disponível em <https://psycnet.apa.org/record/2012-15135-006>. Acesso em 05/06/2024.